



O CASO EICHMANN NA REVISTA "O CRUZEIRO": a construção de um discurso sobre o nazismo no início da década de 1960

Mônica Fátima Grassi¹; Izabele Gemeli Rigo²; Cristiane Aparecida Fontana Grumm³;
Adriano Bernardo Moraes Lima⁴; Solange Francieli Vieira⁵

INTRODUÇÃO

A pesquisa concluída teve como objetivo principal analisar a construção do discurso midiático sobre o nazismo na revista "O Cruzeiro" a partir da cobertura do caso Eichmann entre meados de 1960 e 1962, a partir da perspectiva teórica da cultura da mídia e da análise do discurso. Karl Adolf Eichmann (1906-1962) nasceu na Alemanha e desde 1934 ocupou cargos na Seção de Assuntos Judaicos do Departamento de Segurança de Berlim, sendo responsável pela transferência, expulsão, deportação e emigração de judeus. Em 1941, implementou a "Solução Final" (Conferência de Wansee), tornando-se um dos burocratas encarregados pelo extermínio dos judeus.

Em 1945, foi preso e enviado a um campo de interrogatórios. Fugiu, com a ajuda de veteranos da SS e do Vaticano, passando pela Áustria e Itália, embarcou para a Argentina. Com a identidade de Ricardo Klement, viveu com a família no subúrbio de Buenos Aires até ser capturado, em maio de 1960, pela Mossad – serviço secreto do Estado de Israel.

A cobertura do julgamento (1961) foi realizada pela filósofa Hannah Arendt (1906-1975) e resultou na polêmica obra "Eichmann em Jerusalém: um relato

¹ Estudante do Instituto Federal Catarinense, campus Videira, do CEPTNMI em Agropecuária (turma 2015). E-mail: monicagrassi12@hotmail.com

² Estudante do Instituto Federal Catarinense, campus Videira, do CEPTNMI em Agropecuária (turma 2015). E-mail: izabelegemelirigo@hotmail.com

³ Professora orientadora do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: cristiane.grumm@ifc-videira.edu.br

⁴ Professor co-orientador do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: adriano.lima@ifc-videira.edu.br

⁵ Professora co-orientadora do Instituto Federal Catarinense, campus Videira. E-mail: solange.vieira@ifc-videira.edu.br



sobre a banalidade do mal" (1963). Nela Arendt destaca o caráter de espetáculo do julgamento e elabora o conceito de "banalidade do mal".

O caso Eichmann teve uma grande repercussão na imprensa internacional. No Brasil, a pesquisa propôs analisar essa repercussão e a construção de um discurso sobre o caso na revista semanal "O Cruzeiro". O levantamento de reportagens foi realizado no acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. As reportagens sobre o caso Eichmann (ou que o citavam) ultrapassam as datas de sua captura (maio/1960) e execução (maio/1962) – foram encontradas reportagens que o citavam até a década de 1970.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (materiais e métodos)

A pesquisa foi desenvolvida entre julho de 2016 e junho de 2017, no Instituto Federal Catarinense (IFC), campus Videira. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na proposta de Kellner (2001) – da análise da notícia como cultura da mídia –, de Foucault (1998) – da análise do discurso – e de Luca (2008) – da notícia como documento histórico que precisa ser contextualizado, problematizado e historicizado.

Num primeiro momento, pesquisou-se a biografia de Hannah Arendt e de Adolf Eichmann em artigos acadêmicos. Proceder à leitura do livro "Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal" (ARENDT, 1999) e identificar a construção da narrativa do caso Eichmann realizada pela própria Arendt.

Num segundo momento, mas concomitante à pesquisa da biografia, realizou-se a pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A coleção da revista "O Cruzeiro" foi disponibilizada pela Biblioteca Nacional na forma digitalizada e pode ser consultada de qualquer lugar com acesso a internet no endereço <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Foram selecionadas as notícias que tratavam do caso Eichmann ou que o citavam.

Selecionadas as notícias iniciou-se o fichamento das reportagens selecionadas para verificar como o caso de Eichmann foi noticiado pela revista "O Cruzeiro". Inicialmente acreditava-se que as reportagens estariam entre meados de 1960 (prisão) até meados de 1962 (término do julgamento). No entanto, a pesquisa



documental revelou que a primeira referência a Eichmann foi numa reportagem de 1947 e que muitas outras foram realizadas pela revista até 1971, ultrapassando a expectativa inicial das pesquisadoras.

Como o objetivo da pesquisa era identificar o processo de construção de um discurso sobre o nazismo em um período histórico em que este antigo regime político não oferecia mais risco às sociedades no Ocidente, optou-se em utilizar na análise todas as reportagens encontradas.

Após selecionar as matérias jornalísticas sobre o caso Eichmann, elaborou-se uma ficha de coleta de dados (apresentada no relatório semestral) a fim de facilitar a análise das notícias enquanto documento histórico (LUCA, 2008) e pelo prisma teórico da análise dos discursos contidos nesta documentação (FOUCAULT, 1998).

Partindo de Luca (2008), tornou-se essencial problematizar, historicizar e contextualizar as notícias e a própria imprensa periódica. Ao considerar o periódico como um documento histórico é necessário: 1) desnaturalizar os aspectos de materialidade e seus suportes (intencionalidade e aparência física); 2) historicizar as condições técnicas e a função social; 3) estrutura e divisão dos conteúdos, relação com mercado, publicidade e público; 4) inserir a fonte numa série, pois “o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa” (LUCA, 2008, p. 139); 5) atentar para a publicidade do acontecimento, o destaque conferido ao que está sendo noticiado; 6) recorrer a outras fontes de informação; 7) analisar o material de acordo com a problemática formulada.

Identificar nesse momento de análise das notícias a relação com a proposta de Kellner (2001) de aproximação com o princípio da publicidade, uma vez que a notícia é também um produto da cultura da mídia, ou seja, ou produto de massa.

As notícias foram analisadas a partir dos princípios básicos da análise do discurso (FOUCAULT, 1998;): 1) discurso como prática que advém da formação de saberes; 2) observar a formação discursiva e suas regras; 3) diferenciação entre enunciação e enunciado; 4) o discurso como ação e reação, pergunta e respostas; 5) a articulação entre saber e poder nos discursos; 6) discurso gera poder. Em outras palavras, a proposta de Foucault (1998) propõe uma análise do discurso que



vai além dos elementos linguísticos e que articule a relação indissociável entre discurso, poder e saber.

Por fim, com base nos dados coletados através da ficha elaborada, iniciou-se a problematização e análise das notícias sobre o caso Eichmann na revista "O Cruzeiro", a fim de identificar a construção de um discurso específico sobre o nazismo. Nessa fase de análise dos dados coletados foi necessário historicizar, contextualizar os discursos construídos. Torna-se necessário consultar outras fontes de informação. Em outras palavras, a análise concentrou-se no processo de construção social, histórica e cultural do discurso sobre o nazismo veiculado na revista "O Cruzeiro", nos primeiros anos da década de 1960 até o início da década de 1971, levando-se em consideração os princípios básicos da notícia concebida como cultura da mídia, com base nos princípios básicos da análise do discurso e do periódico como documento histórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Adolf Eichmann e a Solução Final

Em abril de 1961, os olhos do mundo voltaram-se para o jovem Estado de Israel⁶. Jornalistas de diferentes nacionalidades estavam encarregados de realizar a cobertura do maior julgamento nazista depois de Nuremberg⁷.

Otto Adolf Eichmann era membro do *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* austríaco – o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) ou Partido Nazista – e da SS⁸. Filho de Karl Adolf Eichmann⁹ e Maria

⁶ O Estado de Israel foi criado a partir da divisão da Palestina aprovada pela ONU, em 29 de novembro de 1947.

⁷ Com o colapso do nazismo e o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi aberto o primeiro Tribunal Militar Internacional para julgar crimes de guerra, na cidade de Berlim, em outubro de 1945. Em 20 de novembro, os julgamentos iniciaram na cidade de Nuremberg. Foi a primeira vez na história que a comunidade internacional deflagrou um processo de julgar autoridades civis e militares de um Estado por crimes contra a paz e a humanidade (PEREIRA, 2010).

⁸ A *Schutzstaffel*, era um Esquadrão de Proteção, fundado em 1925 mais conhecido como "SS". Inicialmente era uma guarda especializada na proteção de Adolf Hitler. Com o tempo essa "guarda de elite" ficou responsável pelos campos de concentração. A partir de 1939, passou a contar com um exército próprio, a *Waffen SS*. Além da SS, existia a SA (*Sturmabteilung*) – uma "Tropa de Assalto", responsável pelas ações violentas e de assalto aos inimigos do Estado.

⁹ O pai de Eichmann era contador na Companhia de Bondes e Eletricidade de Solingen (Renânia). Em 1913, foi transferido para Linz (Áustria). Teve cinco filhos, o mais velho era Adolf. Em seguida, "comprou uma pequena empresa de mineração e determinou que seu pouco promissor filho trabalhasse nela como mineiro comum" (ARENDT, 1999, p. 40-41).



Schefferling, nasceu em 1906 e tornou-se um personagem famoso nas revistas e jornais ao ser capturado num subúrbio de Buenos Aires, pela MOSSAD¹⁰, na noite de 11 de maio de 1960. Foi levado para Israel nove dias depois. O julgamento na Corte Distrital de Jerusalém iniciou-se em 11 de abril de 1961.

Eichmann num primeiro momento alistou-se no treinamento militar. Trabalhou nos campos militares de agosto de 1933 até setembro de 1934. Progrediu ao grau de *Scharführer* (cabo) e abraçou a carreira de soldado. Porém, cabe destacar que Eichmann “para sua grande tristeza e sofrimento, ele nunca passou do grau de *Obersturmbannführer* da SS (posto equivalente ao de tenente-coronel” (ARENKT, p. 45). Entretanto, com o tempo, ele estava perdendo prazer pelo trabalho. Em seu depoimento afirmou: “A rotina do serviço militar era algo que eu não suportava, dia após dia a mesma coisa, sempre e sempre a mesma coisa” (ARENKT, 1963, p. 47).

A partir de 1934, Eichmann candidatou-se a um cargo no Serviço de Segurança da *Reichsführer* (SD)¹¹. A partir de 1939 recebia ordens do chefe do Escritório Central da Segurança do Reich (*Sicherheitsdienst*)¹². Eichmann passou então a trabalhar como chefe da seção B-4¹³.

Portanto, de 1934 até 1945, Adolf Eichmann foi o responsável pela questão judaica no escritório de Berlim da SD. Era considerado um convededor do sionismo¹⁴ e em 1937 realizou uma viagem para o leste europeu para analisar as possibilidades concretas da transferência de judeus. Dirigiu em Viena (Áustria), a partir de 1938, o órgão que cuidava da emigração dos judeus. Em 1939, assumiu a

¹⁰ A Mossad foi criada em 1949 e é um Instituto para Inteligência e Operações Especiais. Entre as suas ações mais famosas está justamente a captura de Eichmann. Sobre a Mossad a obra clássica é de Bar-Zohar (2013), mas informações em Cepik (2003).

¹¹ Entre 1925 até 1933, *Reichsführer* era um título especial da SS. A partir de 1934, tornou-se a mais alta patente da SS. No período em que Eichmann trabalhou para o Estado Nazista, recebia ordens do próprio *Reichsführer*, no caso Heinrich Himmler, que ocupou a patente de 1929 até 1945.

¹² O *Sicherheitsdienst*, o Serviço de Segurança, mais conhecido como SD, era administrado de 1933 a 1939 pela própria SS. A partir de setembro de 1939, passou a ser comandada pelo *Reichssicherheitshauptamt* (a RSHA), o Gabinete Central de Segurança. A RSHA foi criada por Heinrich Himmler a partir da união da SD, da Gestapo (polícia secreta do Estado) e do *Kriminalpolizei* (agência de investigação criminal, submetida à SD) (ARENKT, 1999).

¹³ A Seção B-4 era responsável por resolver as questões relativas à evacuação dos judeus. Eichmann ocupou cargo de diretor em Berlim da Seção B-4 a partir de dezembro de 1939.

¹⁴ O Sionismo foi o movimento nacionalista judeu, nascido no século XIX, que defendia a criação de um Estado judaico na Palestina para garantir a vida, a liberdade, a paz e a segurança ao povo judeu (PERREIRA, 2010). Segundo Arendt (1999), Eichmann havia lido a obra clássica do Sionismo – “Do Estado Judeu”, de Theodor Herzl, originalmente publicado em 1896 – em sua juventude (ARENKT, 1999, p. 53).



direção da seção B-4. Nesses cargos adquiriu experiência e tornou-se um especialista na expulsão e deportação de judeus. Em 1944, foi enviado à Hungria onde organizou a deportação dos judeus para Auschwitz¹⁵. Segundo Arendt, ao tornar-se chefe do Centro de Emigração dos Judeus Austríacos em Viena, e foi responsável por, em oito meses, deportar 45 mil judeus da Áustria (enquanto na Alemanha eram 19 mil); “em menos de dezoito meses a Áustria foi ‘limpa’ de 148 mil pessoas, aproximadamente 60% de sua população judaica” (ARENDT, 199, p. 56).

No cargo que ocupou na SD Eichmann era o responsável pela deportação dos judeus entre 1937 e 1942. A partir da Conferência dos Staatssekretäre (subsecretários de Estado), mais conhecida como Conferência de Wannsee – que aconteceu em janeiro de 1942 e reuniu os principais líderes do NSDAP – tornou-se um dos responsáveis pela organização e logística da “Solução Final”.¹⁶

Segundo dados da edição especial “El Clarin” (2014) Eichmann foi capturado por tropas estadunidenses em Altaussee (Áustria) com a identidade de Otto Eckmann. Fica no campo de prisioneiros Oberdachstetten, na Alemanha até janeiro de 1946. Após fugir do campo de prisioneiros, vive clandestinamente em território alemão, em Altensalzkoth, até 1950. Dirige-se para Gênova, na Itália, em junho de 1950, e depois para Buenos Aires (chega em 14 de julho de 1950). Vive na província de Tucumán (Argentina) até 1952. Quando foi capturado em 1960 vivia na periferia de Buenos Aires (EL CLARIN, 2014, p. 11).

¹⁵ Auschwitz foi um complexo de campos de trabalhos forçados, estavam localizados a aproximadamente 60 km da cidade de Cracóvia. As autoridades das SS estabeleceram os três campos principais perto da cidade polonesa de Oswiecim: Auschwitz I, em maio de 1940; Auschwitz II (também conhecido como Auschwitz-Birkenau), no início de 1942; e Auschwitz III (também chamado de Auschwitz-Monowitz), em outubro de 1942. Para maiores informações sobre esses campos ver UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEU. Enciclopédia do Holocausto.

¹⁶ A chamada “Solução Final” foi o plano nazista de aniquilamento dos judeus (genocídio). Geralmente, esse plano é associado diretamente à Conferência de Wannsee (20 de janeiro de 1942). No entanto, a Enciclopédia do Holocausto (*on line*) dos United States Holocaust Memorial Museu apresenta dois momentos da Solução Final que antecederam a Conferência de Wannsee: 1) Unidades de Serviços Especiais (*Einsatzgruppen*) ou esquadrões de extermínio que foram enviados para acompanhar as tropas alemãs durante a invasão da URSS, cujo objetivo era exterminar os judeus encontrados pelo caminho (22 de junho de 1941); 2) o centro de extermínio de Chelmno (próximo a Lodz, na Polônia) – que começou a funcionar em 8 de dezembro de 1941 – que usava como mecanismo de extermínio o gás carbônico nos furgões de caminhões rigorosamente fechados. Além de Chelmno, podem ser identificados mais 6 campos de extermínio: em “Belzec, Sobibor e Treblinka usavam o monóxido de carbono gerado por máquinas que ficavam próximas às câmaras de gás. Auschwitz-Birkenau, o maior dos centros de extermínio, possuía quatro grandes câmaras de gás que usavam o agente químico Zyklon B (ácido cianídrico), e as câmaras de gás em Majdanek usavam monóxido de carbono e Zyklon B”. Informações extraídas de UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEU. Enciclopédia do Holocausto.



O homem na jaula de vidro e o “julgamento-espetáculo”

No dia 11 de abril de 1961 a Casa da Justiça, em Jerusalém, estava preparada. Na descrição de Arendt o meirinho do tribunal grita “*Beth Hamishpath*” (Casa da Justiça). Todos de sobressalto se levantam. Entram os três juízes, entre eles, Moshe Landau. São duas estenográficas e uma mesa cheia de papeis e documentos. Abaixo dos juízes, os tradutores. Logo abaixo dos tradutores, e um de frente para o outro, “com os perfis voltados para a plateia, vemos a cabine de vidro e o banco das testemunhas” (ARENKT, 1999, p. 14). De costas para a plateia, o promotor (Gideon Hausner) e sua equipe de advogados e o advogado de defesa (dr Servatius) e seu assistente. Na plateia, jornalistas de todas as partes do mundo – pelo menos na primeira semana – para realizar a cobertura do que Arendt chamou de espetáculo e destaca a “ paixão do promotor pela teatralidade” e que Ben-Gurion é “o diretor de cena do processo” (ARENKT, 1999, p. 14-15).

Segundo Arendt (1999) desde o início o julgamento foi um espetáculo, a começar pela língua utilizada: todo o julgamento foi realizado em hebraico, com “transmissão radiofônica simultânea, que é excelente em francês, tolerável em inglês, e uma mera comédia, muitas vezes incompreensível, em alemão”. Arendt (1999) chama a atenção ao fato do Estado “com sua alta porcentagem de nascidos na Alemanha, seja incapaz de encontrar um tradutor adequado para a única língua que o acusado e seu advogado entendem” (ARENKT, 1999, p. 13).

Cabe destacar que o julgamento foi transmitido ao vivo pelas emissoras de TV, houve transmissão radiofônica, a língua utilizada era o hebraico, havia presença de jornalistas de vários países interessados no caso Eichmann, judeus que sobreviveram à violência e aos crimes cometidos pelos nazistas. O espetáculo a que Arendt se refere não se restringe às encenações de Hausner. Ben-Gurion – que dirige todo o julgamento-espetáculo – “permite ao promotor dar entrevistas à imprensa e aparecer na televisão durante o julgamento (...) permite-lhe mesmo explosões ‘espontâneas’ junto aos repórteres dentro do edifício do tribunal – que está cansando de interrogar Eichmann porque ele responde sempre com mentiras” (ARENKT, 1999, p. 16).

Segundo Arendt (1999) Eichmann respondia aos questionamentos da acusação afirmando que não se arrependia de nada, e que se orgulha de ter sido um



soldado competente e obediente, pois era assim que as coisas eram: “com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu. Nunca matei um ser humano”. Arendt ao analisar tal frase afirma que “ele parecia acreditar que, atrás da escrivaninha, suas mãos estariam limpas” (ARENKT, 1999, p. 33). E ainda reforça em outro trecho do seu depoimento: “era assim que as coisas eram, essa era a nova lei da terra, baseada nas ordens do Führer” (ARENKT, 1999, p. 152).

Arendt entitulou o capítulo VIII da obra “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” de “Deveres de um cidadão respeitador das leis”. Nesse capítulo (mas não exclusivamente nele), a autora afirma que “ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia ordens, ele também obedecia à lei” (grifo da autora) (ARENKT, 1999, p. 152). Eichmann entendia a si mesmo como um cidadão que cumpria seu dever, daí sua dedicação em exercer suas funções burocráticas no departamento que trabalhava.

Finalizado o julgamento a sentença foi proferido: “Desprezando a acusação de ‘conspiração’ (...) que o transformaria num ‘grande criminoso de guerra’ automaticamente responsável por tudo que tivesse a ver com a Solução Final, eles condenaram Eichmann em todas as quinze acusações (...)” (ARENKT, 1999, p. 266).

Arendt (1999) chama a atenção sobre a execução de Eichmann: “foi para o cadafalso com grande dignidade. Pediu uma garrafa de vinho tinto e bebeu metade dela”. Em seguida, Arendt descreve em um parágrafo a execução e as suas últimas palavras: “Viva a Alemanha, viva a Argentina, viva a Áustria. Não as esquecerei”. Arendt então completa: “diante da morte, encontrou o clichê usado na oratória fúnebre. No cadafalso sua memória lhe aplicou um último golpe: ele estava ‘animado’, esqueceu-se que aquele era o seu próprio funeral” (ARENKT, 1999, p. 274).

Hannah Arendt e o polêmico “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”



Em 1963, Hannah Arendt¹⁷ publica a polêmica obra que interessa a presente pesquisa “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”. Unindo o jornalismo político e a reflexão filosófica e histórica, Arendt analisa o caso Eichmann de uma forma muito crítica, principalmente porque sugere que a polícia secreta de Israel já sabia há tempo da localização de Adolf Eichmann, e o Estado de Israel e as autoridades israelenses utilizaram no momento mais oportuno. Portanto, a prisão e julgamento de Eichmann foi uma questão claramente política.

A primeira polêmica envolvendo a obra diz respeito ao “julgamento espetáculo”. Arendt desde as primeiras páginas discorda explicitamente da encenação e do uso político do caso. Em nenhum momento põe em dúvida as responsabilidades de Eichmann pela morte de inúmeros judeus ou dele ser julgado por um tribunal em Israel, mas não concorda com o circo montado para esse julgamento, nas encenações do promotor, na ridícula tradução do hebraico para o alemão e na cobertura midiática do julgamento (e como era explorada politicamente).

A segunda polêmica está diretamente relacionada com o discurso construído pelo promotor e pelo jornalismo: Eichmann era inimigo dos judeus, um sádico, um monstro, um louco. Arendt, ao ver e ouvir Eichmann no tribunal não conseguiu ver o monstro, o demônio, o sádico: “nem com a maior boa vontade do mundo se pode extraír qualquer profundidade diabólica ou demoníaca em Eichmann” (ARENKT, 1999, p. 311). Eichmann afirmava categoricamente: “não sou o monstro que fazem de mim” e “sou vítima de uma falácia” (ARENKT, 1999, p. 269).

A terceira polêmica relaciona-se diretamente com a segunda: Eichmann não pensava por conta própria, “era um homem que não parava para refletir (...) apenas atuava, obedecia”. Ele tinha um único desejo: “de agir corretamente, de ser um funcionário eficiente, de ser aceito e reconhecido dentro da hierarquia” (ARENKT, 1999, p. 62). Em vários trechos da obra, Arendt (1999) destaca que Eichmann era um cumpridor de ordens e que se orgulhava disso. Um burocrata que orgulhava-se de ser um bom funcionário, o que Arendt chama de funcionalidade.

¹⁷ Hannah, era filha de Paul Arendt e Martha (em solteira Cohn) nasceu em casa em Linden, subúrbio de Hanover, no dia 14 de outubro de 1906. Em 1909, a família transferiu-se para Königsberg (em 1946, Kaliningrado, depois da anexação à URSS). Paul e Martha eram judeus. Hannah era autodidata e estudou importantes filósofos ainda na adolescência. Em 1924 ingressou na universidade de Marburg (Alemanha), onde conheceu importantes filósofos da época como Martin Heidegger. Arendt foi orientanda de Karl Jaspers, em Heidelberg. Sua obra mais importante (e reconhecida mundialmente) foi “Origens do totalitarismo” – escrita entre 1945 1949 e publicada em 1951.



Justamente nessa “normalidade” e no agir sem pensar, apenas “cumprir as ordens” é que reside para Arendt a “banalidade do mal”. Eichmann cometeu crimes contra os judeus, “mas agia como se não estivesse fazendo nada demais. Simplesmente aderia, alinhava-se ao que a maioria propunha, era incapaz de pensar por conta própria” (PEREIRA, 2010, p. 41). A banalidade do mal, não distinguir entre o certo e o errado; naturalizar as ações: “apesar de sua má memória, [Eichmann] repetia palavra por palavra as mesmas frases feitas, os mesmos clichês (...) sua incapacidade de falar estava intimamente relacionada com sua incapacidade de pensar” (ARENKT, 1999, p. 63).

A quarta polêmica também relacionada às anteriores gira em torno do espetáculo de Eichmann estar numa gaiola de vidro e à ideia de pai de família. Arendt (1999) vê em Eichmann um burocrata que orgulhava-se de cumprir rigorosamente e com meticulosidade as ordens que recebia. Não questionava ou pensava sobre elas. Apenas as cumpria. Eichmann era o “pai de família”, zeloso pelo seu trabalho porque pensava no bem estar dos filhos e esposa, pensava no salário, na aposentadoria, no seguro de vida. E assim como tantos outros pais de família na Alemanha toleraram o nazismo.¹⁸

E talvez a última e mais intrigante e discutida polêmica levantada por Arendt (1999): “Para um judeu, o papel desempenhado pelos líderes judeus na destruição do seu próprio povo é, sem dúvida, o capítulo mais sombrio de toda uma história de sombras” (ARENKT, 1999, p. 134). O nazismo e as suas práticas não encontrou resistência entre os alemães, mas também entre os judeus. Os judeus foram submissos e aceitaram seu destino.

O caso Eichmann na revista “O Cruzeiro”

A revista “O Cruzeiro” era semanal e circulou no Brasil desde novembro de 1928 até julho de 1975. Esta revista de variedades tinha ampla circulação nacional, com algumas tiragens recordes. Geralmente sua capa estampava atrizes de cinema, modelos e personalidades femininas. Ela era composta por várias sessões e trazia além de um editorial, matérias sobre cinema, beleza, dicas,

¹⁸ Essa ideia de “pai de família”, Arendt desenvolve no texto “Culpa organizada e responsabilidade universal” produzido durante a Segunda Guerra Mundial.



reportagens de cunho político e econômico, tanto nacionais quanto internacionais. Grandes nomes do cenário jornalístico, literário e artístico trabalhavam ou eram colaboradores do periódico.

No dia 07 de abril de 1962, a revista “O Cruzeiro” publicou uma reportagem que é um exemplo de como o caso Eichmann pode estar presente em toda e qualquer situação. Tratava-se de uma entrevista realizada com a consagrada atriz Elizabeth Taylor, ela fala que gosta de desenhar com crianças, e que seu último trabalho foi uma pintura de Eichmann, na qual ela expressou todo seu ódio pelo carrasco nazista (O CRUZEIRO, 07 abr. 1962, n. 0026, p. 108).

Seria comum ver o nome de Eichmann sendo citado numa revista de atualidades no início da década de 1960, mas não em uma entrevista e em uma situação como esta. Seria mais comum Taylor pintar com crianças paisagens, desenhos ou qualquer outro tema mais cotidiano, mas não, preferiu expressar seu ódio e falou abertamente sobre isso, como se Eichmann fosse um rosto comum de se pintar.

O julgamento de Eichmann aconteceu 11 de abril de 1961 e foi executado em 31 de maio de 1962. A partir da pesquisa na Hemeroteca Digital, foi possível perceber que a revista “O Cruzeiro” cita seu nome desde 1947 até 1971. Ele tinha um caráter de figura do mal de grande relevância na revista. No dia 18 de junho de 1960 a revista publicou um pequeno trecho que, de certa forma assustava o leitor, o parágrafo fazia um questionamento, se na Argentina havia nazistas e estão os encontrando, acabariam procurando o Brasil para se refugiar. Tratava-se de uma pequena nota com o título “O carrasco enfrentará o fuzil” (O CRUZEIRO, 18 jun. 1960, n. 0036, p. 16). Cabe destacar que a prisão de Eichmann foi anunciada oficialmente em 23 de maio de 1960.

Em 04 de outubro de 1947, foi a primeira vez que apareceu na revista “O Cruzeiro” o nome de Adolf Eichmann na coluna de Drew Pearson. Eichmann entra em cena na reportagem “Assassino de cinco milhões de judeus” (O CRUZEIRO, 04 out. 1947, n. 0050, p. 30). Como será recorrente na textos desse colunista, apenas uma foto dele aparece, com seu rosto sério e de ar importante, sugerindo ao leitor que mais um de seus incríveis escritos sobre o carrasco está para começar. Porém,



desta vez trata-se mais da parte política do holocausto, das estratégias e dos segredos.

Particularmente é um texto cansativo, com muitos nomes desconhecidos que requerem tempo e muita pesquisa para entender. Começa o texto falando da participação do Grão-Mufti (líder religioso muçulmano) na execução de cinco milhões de judeus, e que Hitler daria dinheiro ao grupo para “levantar o ânimo” contra os Aliados. Segundo o texto existiam provas que o Grão-Mufti foi responsável também pelo holocausto, e apresenta a fala do delegado Dieter Von Wisliezeny: “Em minha opinião, o Grão-Mufti, que esteve em Berlim desde 1941, teve papel importante na decisão do governo alemão de exterminar os judeus europeus”.

O nome de Eichmann entra quando este mesmo delegado cita que Mufti seria um dos melhores amigos de Eichmann e que o mesmo o teria influenciado a acelerar o extermínio dos judeus. O colunista afirma também que ouviu dizer que junto com Eichmann, Mufti teria visitado um campo de concentração. Na reportagem “Assassino de cinco milhões de judeus” a última vez que Eichmann foi citado, ganhou um pequeno parágrafo explicativo : “Esse tal de Eichmann era o nazista encarregado do plano de extermínio dos judeus”. Após esse parágrafo a coluna não se não cita mais o nome de Eichmann, mas continua apresentando os planos nazistas, as espionagens soviéticas e outros nomes importantes naquela época, mas nada mais que o implique.

O tratamento dado a Eichmann na coluna do dia 04 de outubro de 1947 não foi uma exceção. No dia 15 de setembro de 1962, Drew Pearson escreve o texto “Novo caso Eichmann”. Nela Pearson afirma que três ex-nazistas podem estar nos Estados Unidos: “Agora que Adolf Eichmann foi castigado pelo seu papel no assassinato brutal de 6 milhões de judeus, resta a considerar o fato assombroso de que nada menos de três outros criminosos de guerra estão vivendo tranquilamente nos Estados Unidos”. Porém o autor acredita que eles não eram tão monstruosos como Eichmann, pois foi ele quem “industrializou a matança em massa” (O CRUZEIRO, 15 set. 1962, n. 0049, p. 68).

No ano de 1960, após a prisão, Eichmann ganha as páginas da revista “O Cruzeiro” em algumas edições. No mês de setembro, a revista apresenta



reportagem em duas partes para atualizar o leitor sobre o caso. No dia 03 de setembro, a revista estampou em sua capa “A verdade sobre o caso Eichmann”. A reportagem foi escrita por Robert Pendorf. Nesta primeira parte da reportagem a revista apresenta a vida na Europa e relaciona-a diretamente com a morte dos judeus. Depois sua vida na Argentina, escondido e seu disfarce como “Tio Ricardo” (O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 26; 29-33).

A reportagem está explicitamente marcada pelo sensacionalismo. Os fatos são ilustrados com fotografias que enriquecem a história contada. Cabe destacar o título “a verdade”, ou seja, induz o leitor a entender que o que está sendo narrado na revista é a verdadeira versão da história. Ao escrever sobre Adolf Eichmann, demonstra a crueldade desse homem, destacando sua vida pessoal e como viveu escondido numa realidade totalmente diferente do que vivia.

A reportagem de Robert Pendorf, apresenta duas imagens que claramente se contrastam. A primeira é uma foto muito comum do rosto de Eichmann ainda quando oficial, com a legenda: “OFICIAL NAZISTA, EM 1942, EICHMANN COMANDAVA ‘ACAMPAMENTOS DA MORTE’”. A segunda é uma doce imagem de Eichmann segurando uma criança no colo, com a legenda: “EICHMANN fazia o ‘dedicado pai de família’ no fim de um dia de execuções nos campos de Praga. Na foto ele descansa (com um filho) ao fim da tarde”.



Imagen 1: Fotografia de Adolf Eichmann apresentada na abertura da reportagem de Robert Pendorf “A verdade sobre o caso Eichmann”

Fonte: O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 29

As duas fotografia são utilizadas como objetivo de oposição. De um lado ele com o uniforme que matava milhares de pessoas por dia, e do outro lado um pai amoroso segurando seu filho no colo.

A reportagem descreve Eichmann fisicamente: “Na sala de inquirições do Serviço de Defesa de Israel (...) está um homem magro, quase sem cabelos (...)



Sob as vistas de um guarda armado até os dentes, ele preenche fôlhas e mais fôlhas de papel com o relato das suas ações: ‘A Solução Final do Problema Judaico do Terceiro Reich’ (O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 30). Ao lado, uma fotografia de Eichmann em Israel com a legenda: “FOTOGRAFIA DE EICHMANN (PRESO) EM ISRAEL”. A outra fotografia desta página apresenta três homens de terno conversando, com a legenda: “1950: CLANDESTINO NO ‘GIOVANNA’”.

No texto da reportagem, há uma caracterização de Eichmann que traz consigo um juízo, ou seja, o texto não é marcado pela suposta imparcialidade jornalística:

(...) Mas êle [Eichmann] sabe melhor do que ninguém, que poderia ter sido facilmente encontrado, até por um detetive-amador, se o tivessem procurado realmente.

E é isso o mais interessante do caso Eichmann: ninguém o procurou seriamente encontrá-lo, apesar de êle ser o único que sobrevivera dentre os dirigentes do “Sindicato da Morte do Terceiro Reich” – pois Himmler, Heydrich, Kaltenbrunner haviam morrido em muito boa hora – e êle, Adolf Eichmann, fôra o especialista dos extermínios em massa (grifo nosso) (O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 30).

Curiosamente e sem nenhuma imparcialidade, Pendorf considera Eichmann como único sobrevivente do “Sindicato da Morte”. Com essas palavras, coloca-o entre os maiores criminosos de guerra. Segundo a reportagem – que narra a trajetória de Eichmann após a eminente derrota nazista – Eichmann havia sido aconselhado pelo próprio Kaltenbrunner a fugir o mais rápido possível:

Kaltenbrunner disse logo a Eichmann que não acreditasse em vitória de última hora, que a grande jogada estava perdida. E que, de mais a mais, Eichmann procurasse desaparecer de sua proximidade com a máxima urgência: tendo sido o mais operoso dos fornecedores das câmaras de gás, seria também o mais culpado dentre todos, espalhando perigo em seu redor.

Eichmann, que sempre sofrera de complexo do dever, não podia compreender essa maneira de pensar de seu amigo e antigo companheiro. Recorda-se ainda do que respondeu ao chefe Kaltenbrunner: não poderiam incriminá-lo, pois cumpria tão somente as ordens do Führer, transportando os judeus do sudeste da Europa para liquidá-los nas câmaras de gás (grifos nossos) (O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 30).

Os julgamentos da reportagem continuam no trecho citado: Eichmann foi “o mais culpado dentre todos”. Além disso, o autor da reportagem chama a atenção para o “complexo do dever” que marca a história de Eichmann: “cumpria tão somente as ordens do Führer”. Ao citar esse depoimento de Eichmann, destaca-se que aquele homem não reconhecia que havia realizado qualquer coisa de errado,



apenas era um funcionário cumpridor de ordens que vinham de seus superiores (e justamente por isso não entendia o conselho supostamente dado pelo seu superior Kaltenbrunner.

Toda a reportagem continua em torno da fuga de Eichmann e de sua nova vida na Argentina, de como foi fácil adotar seu novo nome, por causa de seus documentos destruídos. Enfim, Eichmann formará uma nova vida na Argentina. A terceira foto da página trata-se de uma fila de animais com equipamentos de trabalho campal nas costas, com a legenda: "ARGENTINA: LABOR RURAL". Ou seja, na Argentina ele teria um disfarce e uma vida completamente diferente da que possuía na Europa. Há duas chamadas interessantes que contrastam as duas vidas vividas por Eichmann: "Europa: Eichmann mata judeus"; e na página seguinte "Argentina: viveu como um homem sem passado" (O CRUZEIRO, 03 set. 1960, n. 0047, p. 31-32).

Enquanto o texto conta como Eichmann resolveu fugir e quais medidas adotadas, é apresentada outra fotografia mostrando a casa humilde que ele tinha na Argentina, com a legenda: "CASA DE EICHMANN (EM BUENOS AIRES)". O objetivo da foto é mostrar a forma pacata que ele vivia, dando destaque a simplicidade, que seria a chave para um bom esconderijo.

As duas fotografias são de grande importância na lógica da reportagem. Para o leitor ao olhar essas fotografias pode imaginar os passos diários deste homem tão importante pra História é algo maravilhoso, mesmo sendo um assassino, como sugere o autor. Na fotografia do interior da casa tem a legenda: "INTERIOR DA RESIDÊNCIA DO CARRASCO". O sensacionalismo exagerado que foi citado anteriormente é aqui ilustrado: não é casa, é residência, porque dá um impacto mais importante e diferente pra simples casinha que ele morava. E não é Eichmann, é "carrasco", porque sua imagem precisa ser destruída cada vez mais, em cada frase e em cada página.

Na mesma página há ainda uma fotografia do uniforme de trabalho de Eichmann em cima da cama, com a legenda: "ROUPA DE TRABALHO ESTAVA NA CAMA". Como se fosse algo inusitado, algo inacreditável, quando é a coisa mais simples do mundo. Porém, o impacto de monstruosidade que a revista tenta passar, tem que ser atribuído também a uma simples peça de roupa em cima da cama. O



“carrasco” completava seu disfarce e seu esconderijo com uma casa simples, uma vida simples e com um trabalho. Tudo isso permitia que ele vivesse na clandestinidade e escondendo sua verdadeira identidade e os crimes que cometeu. Além disso, pode permitir ao leitor ir mais além: e a consciência desse “dirigente do Sindicato da Morte”?

No dia 10 de setembro de 1960 a revista “O Cruzeiro” apresentou a segunda reportagem sobre Eichmann com o título “A verdade sobre o caso Eichmann – II”, que traz como subtítulo: “O Führer mandou que eu matasse” (O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 166-170). A segunda reportagem de Robert Pendorf, em linhas gerais, continua descrevendo a vida de Adolf Eichmann após o fim Segunda Guerra Mundial, a sua fuga e as tentativas sair da Europa; sua vida na Argentina, como estudioso e esperto; e as atrocidades que cometeu durante o nazismo. É possível perceber claramente como a revista repete um discurso que o transformava Eichmann em um monstro. Pelo título da notícia é como se isso fosse incontestável, pois é uma verdade, como se mostrasse o que está escondido.

Um fato interessante que a revista retrata, é como Eichmann queria se livrar dos judeus, formando uma cidade somente deles, de forma que não se misturariam com os alemães. A cidade teria suas leis, sua polícia, selos, dinheiro próprios. Mas não foi o que aconteceu, eles chegavam e iam parar nas câmaras de gás. O autor retrata como se ele tivesse toda a ideia e faria tudo para a executá-la, como se a criação da “Solução Final” fosse ideia do próprio Eichmann, resultado da maldade intrínseca a ele.

A capa da notícia possui duas grandes imagens que possuem caráter comparativo. A legenda diz: “Eichmann na Palestina, em 1937. Ele estudara o hebreu e se dizia, então, ‘muito impressionado com o ideal da organização judaica’” A imagem mostra ele como um estudioso, sentado em uma mesa, com muitos livros, uma forma de demonstrar como ele era esperto, dissimulado e suas ações eram friamente calculadas (O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 166). A segunda imagem, complementa a ideia da primeira.

A segunda imagem com legenda: “Uma das vítimas de Eichmann, frio, fome, torturas eram as companheiras desses infelizes nas barracas de concentração” (O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 167). A segunda imagem,



acompanhada da legenda constroem o discurso de que Eichmann foi o responsável direito por todo o sofrimento do povo judeu. Nessa imagem é apresentada a prova dos crimes cometidos por Eichmann: “uma das vítimas”. Na legenda, a monstruosidade de Eichmann e a descrição do sofrimento do povo judeu.

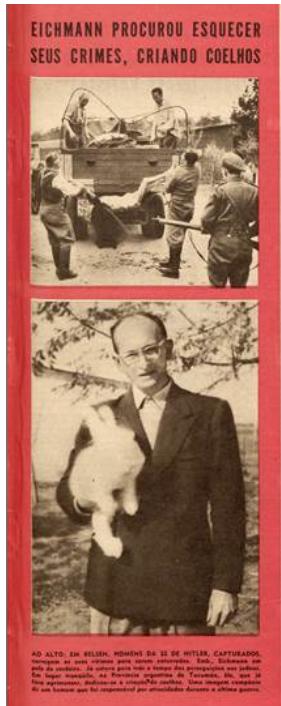


Imagen 2: Fotografias, legendas e subtítulo constroem um discurso sobre a monstruosidade de Eichmann. Em destaque a frase repetida inúmeras vezes por ele no Tribunal “O Führer mandou que eu matasse”.

Fonte: O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 166-167

A revista, através das fotografias, do subtítulo da reportagem e das duas legendas constrói o discurso já indicado na edição anterior: Eichmann era um monstro, desumano e dissimulado; ele era o responsável direto pelo genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial. Reforça-se o discurso dissimulado de Eichmann quando questionado sobre os crime que comentou: ele obedecia a ordens. Não há como negar a participação de Eichmann no Holocausto, mas a revista “O Cruzeiro” exagera ao retratá-lo como único culpado. Além disso, nessas duas páginas a revista reapresentou a típica imagem de Eichmann como militar, mas agora sem legenda. Novamente repete-se a expressão “carrasco de judeus”.

A revista reforça o subtítulo – uma frase repetida por Eichmann inúmeras vezes no Tribunal em Jerusalém: “O Führer mandou que eu matasse”. Porém, no meio da reportagem Pendrof apresenta a seguinte afirmação: “Eichmann sempre soube qual seria a sorte dos judeus ‘capturados’” (O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 169). Ao lado duas imagens, um título e duas legendas para ilustrar ou melhor provar esse argumento do autor do texto.



O título para as duas imagens é muito sugestivo: “EICHMANN PROCUROU ESQUECER SEUS CRIMES, CRIANDO COELHOS”. Na legenda: “AO ALTO: EM BELSEN, HOMENS DA SS DE HITLER, CAPTURADOS, carregam as suas vítimas para serem enterradas. Emb, Eichmann em pele de cordeiro. Já estava para trás o tempo das perseguições aos judeus. Em lugar tranquilo, na província argentina de Tucumán, ele, que já fora agrimensor, dedicou-se a criação de coelhos” (O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 169).

Imagem 3: Fotografias, legenda e título constroem um discurso sobre a monstruosidade, a dissimulação de Eichmann – ele tinha consciência de seus crimes: “um lobo em pele de cordeiro”.

Fonte: O CRUZEIRO, 10 set. 1960, n. 0048, p. 169

A imagem que retrata a vida de Eichmann na Argentina, estava em destaque também, demonstrou como foi fácil para ele esquecer as atrocidades que havia cometido com os judeus. “Eichmann procurou esquecer seus crimes, criando coelhos” foi um subtítulo para as duas fotografias utilizadas pela revista, essa comparação reforça a sua maldade, a sua monstruosidade, a sua dissimulação e,a cima de tudo, provam como ele tinham total consciência dos crimes que cometia. Como um criminoso precisa enconder sua rela identidade e os crimes que cometeu. A primeira imagem monstra um caminhão e provavelmente nazistas jogando os judeus nus, mortos, na caçamba. Além disso a reportagem falava como ele era impiedoso com as crianças, dava caramelos para elas antes de entrarem nas câmeras de gás. Imediatamente abaixo, uma foto de Eichmann na Argentina com um coelhinho branco nas mãos.

A notícia termina reforçando se questionando (ou questionando o leitor) de que como uma pessoa que cometeu crueldades, atrocidades conseguia viver na Argentina como se nada tivesse acontecido. Nesse contexto a “banalidade do mal” entra em cena: como ele não se via como uma pessoa monstruosa como a maioria



dos jornalistas e intelectuais viam ele, sentia uma sensação de dever cumprido, pois, ele apenas seguia ordens.

O julgamento de Adolf Eichmann teve início em 11 de abril de 1961. Nos dias 29 de abril e 06 de maio a revista “O Cruzeiro” apresentou duas reportagens sobre o julgamento. No dia 29 de abril, foi notícia da capa da revista: “O julgamento de Eichmann”. O título da reportagem era “Dezesseis anos depois, Eichmann responde pelo extermínio de 6 milhões de judeus (O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 126-129). No dia 06 de maio, novamente o julgamento é capa da revista “Eichmann, o julgamento continua”. O título da reportagem é “Eichmann na jaula de vidro” (O CRUZEIRO, 06 mai. 1961, n. 0030, p. 134-135).

Durante o julgamento a revista deixa bem claro como Eichmann não sentia culpa e grande parte do julgamento permanecia calado. Julgado em Jerusalém, ele escuta os debates como mero espectador, é uma frase que descreve bem o que a revista retratou do julgamento. Na legenda: “ADOLF EICHMANN, julgado em Jerusalém pela matança de seis milhões de judeus, escuta os debates na Casa do Povo como se fosse um mero espectador. Não se deixa traír, se acaso a recordação dos fatos terríveis de perseguição antis-semita o comove. O antigo carrasco nazista assiste a tudo impassível, raramente fazendo um movimento de nervosismo. Ouvi em silêncio o debate dos advogados” (O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 126).

Analizando, o título – “Dezesseis anos depois Eichmann responde pelo extermínio de 6 milhões de judeus” – a reportagem sugere ao leitor que ele foi o único responsável pelo extermínio dos judeus. Nas duas reportagens sobre o julgamento aparecem muitas fotos das expressões dele durante o julgamento, principalmente “caretas” que conduzem o leitor a vê-lo demonstrando ar de deboche e superioridade.

A segunda imagem da capa da notícia possui a legenda: “De pé e com arrogância, Adolf Eichmann encarou seus julgadores”. E a legenda da terceira é “Casa do Povo: Eichmann a esquerda, juízes ao centro e o procurador a direita. No início de dois parágrafos possui uma imagem de expressões dele durante o julgamento” (O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 126-127).



É possível perceber como o julgamento foi um espetáculo – como descreve Hannah Arendt no livro “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal” – pela jaula de vidro em que Eichmann ficou durante o julgamento. Além disso relembrando o livro de Hannah, os tradutores também foram péssimos. O julgamento foi transmitido e muito divulgado mundialmente, como é possível perceber na reportagem da revista “O Cruzeiro”.

O julgamento foi muito divulgado mundialmente, possuía uma segurança restrita, e os bancos, grande parte deles estavam reservados para jornalistas, possuía apenas 24 lugares para o público, mas não era muito problema, pois o julgamento estava sendo transmitido pelos canais de tv e de folhetos ilustrativos.

A quarta e quinta imagens têm a ver com esse contexto, possui legenda: “Nas ruas de Jerusalém, surgiu rapidamente o comércio da venda de folhetos contando as atrocidades da propaganda anti-semita.” É possível perceber algumas críticas apontadas por Arendt (1999): um “julgamento espetáculo”, o papel da imprensa, a propaganda do Estado de Israel. A exploração política e midiática do caso Eichmann.

A quinta imagem ocupa uma página inteira, com legenda: “PROTEÇÃO: jornalistas e convidados são rigorosamente identificados antes de entrar no prédio da Casa do Povo. Procura-se evitar que alguém tente cometer violências contra o réu, acusado do massacre de judeus na última guerra mundial” (O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 129). É de certa forma cômica essa legenda, mas também preocupante, pois transformaram Eichmann, um mero executor de ordens em o criador, executor, em tudo para o tornar um grande exemplo de maldade.



Imagen 4: Fotografias e legendas são usadas pela revista como provas documentais dos argumentos utilizados durante o texto – o “julgamento espetáculo”.
Fonte: O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 126-7



Imagen 5: O “julgamento espetáculo”: a imprensa na cobertura do caso Eichmann.
Fonte: O CRUZEIRO, 29 abr. 1961, n. 0028, p. 128-129



“Dezesseis anos depois EICHMANN responde pelo extermínio de 6 milhões de judeus”, o título da reportagem, e de diversas outras, como em subtítulos de reportagens do dia 06 de maio de 1961 “Mal dormida a população de Israel vive prêsa ao rádio e à TV” (O CRUZEIRO, 06 maio. 1961, n. 0030, p. 134-135).

Na edição do dia 13 de maio de 1961, o nome de Eichmann aparece duas vezes em reportagens que não tem relação com seu julgamento e nem a ele e sim associam seu nome ao ícone do mal. Na reportagem “Delírio azul na praça Vermelha” (texto de Edith Pinheiro Guimarães), a página possuí uma imagem de uma lua, com uma espaçonave e uma fotografia de palácio na URSS. O texto faz uma associação: “nem todos os russos são maus, porque os alemães não são todos Eichmann e nem todos os italianos são alcapones” (O CRUZEIRO, 13 maio. 1961, n. 0031, p. 10-11).

Na mesma edição há uma reportagem sobre o sistema médico e o tratamento de problemas mentais. Hospício de Barbacena, possuía subtítulo: “Esta não é uma cena dos campos de concentração do carrasco Eichmann” (O CRUZEIRO, 13 maio. 1961, n. 0031, p. 120-121). A reportagem relata a precariedade de um hospício em Barbacena, tinha muitas imagens de pessoas, tristes, sofrendo, alcoólatras e era a revista o chama de “Casa da Morte ou fábrica de cadáveres”. Apesar da tal reportagem não ter relação direta com o caso Eichmann, o nome dele é associado a sofrimento, maldade, monstruosidade, morte.

No dia 06 de maio de 1961 a capa da reportagem está bem destacada com “Eichmann na jaula de vidro” (O CRUZEIRO, 06 maio. 1961, n. 0030, p. 134-35) acompanhado de dois policiais, e tinha como título “Eichmann em Jerusalém na jaula de vidro”. Talvez aqui apareça a ideia de humilha-lo ainda mais e também de fazer com que as pessoas se sentissem seguras – “fera nazista” e “olhar de fera louca”, afinal ele matou seis milhões de judeus, isso fazia parte do grande marketing que estavam fazendo de sua figura, a forma em que ele estava no julgamento, como um animal preso em uma jaula. Na legenda:

400 jornalistas, que acompanham o julgamento de Eichmann na Casa do Povo, esperam que, pelo menos agora, na fase das acusações concretas, a fera nazista se debatesse e proferisse gritos de ódio, dentro de sua jaula de vidro, mas o homem que assassinou milhões e que, algumas vezes, levou seus requintes de crueldade a mandar oferecer caramelos às criancinhas que entravam nas câmaras de gás, tem sido um réu muito dócil. Gripado, ele, vez por outra, retira o lenço do Bolso, assoando-se prosaicamente. Às vezes, faz algumas anotações em sua caderneta. Aquela “olhar de fera louca” já



não existe mais. O ex-coronel da SS é hoje um homem decepcionante, sob os cuidados do seu advogado, Robert Servatius (grifo nosso) (O CRUZEIRO, 06 maio. 1961, n. 0030, p. 133).

A notícia é ilustrada por imagens de pessoas assistindo seu julgamento na TV, uma imagem central com uma legenda interessante: “Jovens israelitas ficam horas e horas diante da Casa do Povo. A televisão transmite todas as fases do processo para aqueles que não conseguem entrar. No recinto do tribunal, existem apenas 24 lugares para o público. Todos os lugares restantes são destinados aos jornalistas, aos observadores internacionais e convidados especiais.” (O CRUZEIRO, 06 maio. 1961, n. 0030, p. 134-135)

Na reportagem é apresentada uma última de um homem com uma estrela no peito, óculos e boina, assistindo com um sorriso de canto no rosto, o autor coloca uma legenda dramática: “FORA DO tribunal, este homem que já viveu num campo de concentração, exibe a estrela amarela que os alemães o obrigaram a usar. Um símbolo de infância que se tornou símbolo de orgulho” (O CRUZEIRO, 06 maio. 1961, n. 0030, p. 135).

A reportagem faz lembrar uma observação destacada por Arendt (1999) em sua obra quando cita trechos do argumento do promotor Hausner “Pois “se tivermos de acusar [Eichmann] também por seus crimes contra não-judeus (...) isso” não ocorrerá porque ele os cometeu, mas, surpreendentemente, “porque não fazemos distinções étnicas”. (...) Porque essa acusação tem por base o que os judeus sofreram, não o que Eichmann fez” (ARENKT, 1999, p 16).

Essa observação feita por Arendt aparece em boa parte das reportagens, e a partir disso tornou-se símbolo do mal, e julgavam os crimes contra os judeus foram todos eles quem cometeu. Além disso, a reportagem descreve que as provas mais esmagadoras não são documentos e sim fotografias, principalmente as mais cruéis como as de criancinhas crucificadas, campos de concentração.

Na edição do dia 08 de dezembro de 1962, a coluna de Drew Pearson, tem como argumento central, citar o nome dos dois homens que ganharam direito a votar, eles são: Nicolae Malaxa e Andree Artukovic. Da impressão que o autor não concorda com a decisão tomada, de esses homens terem seus direitos devolvidos e poderem votar nos Estados Unidos. A reportagem cita o nome de Eichmann quando



um dos homens acima foi comparado com ele, como “Eichmann da Iugoslávia” (O CRUZEIRO, 08 dez. 1962, n. 0009, p. 64).

Essa reportagem serve pra reforçar a ideia de que sempre que for citado algum nome nazista, tem grande chance desse nome ser de Eichmann, pois ele marcou a história de um jeito surpreendente, pelo seus atos, mas mais pelo sensacionalismo atribuído ao caso. E mais, sempre associado a monstruosidade, maldade, crueldade.

A reportagem “O julgamento de Eichmann” (O CRUZEIRO, 03 jun. 1961, n. 0034, p. 98) foca bastante em duas obras: o livro “O Caçador” e o filme “Eram dez”. Essas obras serviram como base para explicar o porquê de Eichmann ser tão odiado pelos judeus. Porém, o autor da reportagem deixa em destaque que a seu ver, quem não é judeu não tem competência para abordar o assunto.

Essa opinião é um tanto contraditória. As pessoas que mais sofreram com todo o genocídio foram os judeus, isso é fato. Entretanto, os crimes de Eichmann não foram somente contra os judeus, seus crimes foram contra a humanidade. O legado que Eichmann deixou foi um desacato a todas as famílias que hoje conhecem a história do Holocausto, e mesmo Eichmann declarando-se inocente perante a lei somente culpado perante Deus, como trás o livro de Hannah Arendt (1999), seus crimes deixaram sequelas que ainda não foram superadas, e que provavelmente, nunca serão.

A reportagem de Drew Pearson não trás nenhuma foto de Eichmann e nada de sua vida pessoal, a única foto que consta é uma do próprio autor, o que sugere ao leitor que Eichmann não é a ideia principal da reportagem mesmo sendo usado com baliza de comparação.

Reportagem com título “Nem consolo nem escusa” (O CRUZEIRO, 20 abr. 1963, n. 0028, p. 20), há uma crítica clara ao sentimentalismo com os marginais do Brasil. O texto diz que é a sensibilidade coletiva que determina as ondas de ataque policiais contra os mesmos. Na metade do texto, a autora Vana Verba cita o nome de Eichmann, usando-o como exemplo, de que até ele despertou compaixão de alguns, mas que por sua vez, ficaria na cadeia pagando pelos seus crimes. Dá a entender que o autor acha que a morte é pouco para ele, e que pagar por tudo em Terra, vivo, seria mais justo.



No ano de 1967, a revista publica uma série de reportagens sobre a Segunda Guerra Mundial. Na edição do dia 23 de setembro intitulada “Porque Hitler perdeu, IV – Solução Final” (O CRUZEIRO, 23 set. 1967, n. 0052, p. 82-87), cita Eichmann exatamente no contexto de ícone e executor do mal, junto com ele Stangl, que acaba tendo a mesma função que Adolf Eichmann para a revista. Tratam eles como calculistas, espertos e frios. “Um desses técnicos sanitários, com frieza científica, dizia, depois da guerra, que os corpos de mulheres, crianças e homens, nesta ordem, eram os mais fáceis de queimar, ‘sendo que as velhas gordas originavam uma sensacional combustão’”. A revista traz muitos desses exemplos, como exemplo de maldade.

É perceptível por exemplo como ele era ridicularizado pela revista de certa forma, quando a revista publica uma reportagem do presidente Castelo Branco 21 de novembro de 1964 (O CRUZEIRO, 21 nov. 1964, n. 0007, p. 07), e diz que até Eichmann teve direito de defesa. O conduz o leitor à impressão de que Eichmann não merecia se defender, ou também que ele nem precisava, pois, os crimes que ele havia cometido não têm perdão.

Eichmann foi executado no dia 31 de maio de 1962. No dia 23 de junho daquele ano a revista “O Cruzeiro” apresenta uma crônica “A morte sobre a morte” (O CRUZEIRO, 23 jun 1962, n. 0037, p. 19). Trata-se de uma bela crônica. Um pequeno texto sem autor que tem como objeto anunciar a morte de Eichmann. Mas ao contrário das outras reportagens, o autor usa de palavras belas e doces para dar a notícia, e não degrada Eichmann usando linhas e mais linhas para torná-lo mais ainda mais monstro.

É claro que ao falar do carrasco ele cita que Eichmann foi o assassino de tantos milhões de judeus e não o defende em nenhum momento. Porém, como ele lida com todo o restante do texto, mostrando-se contra a pena de morte, independente de ser um assassino ou não, mas somente contra a morte programada, a morte em forma de vingança.

O texto termina dizendo que a execução de Eichmann só seria proveitosa se apagasse da mente das milhares de pessoas tudo o que sofreram durante o holocausto, e finaliza com as palavras confusas de que ninguém nunca saberá o que



deveria ser feito com Eichmann se não o matassem, e que apesar da sua opinião, ele também não sabia.

Outra reportagem usada para anunciar a morte de Eichmann foi: “Morre quem vez morrer 6 milhões” (O CRUZEIRO, 16 jun. 1962, n. 0036, p. 13). Ao contrário da reportagem acima, esta não tem enrolação, não tem palavras bonitas e vai diretamente ao ponto. O texto escrito de maneira direta, que após 21 dias de espera, Eichmann foi enforcado. Conta também que o mesmo pediu por piedade ao presidente de Israel, que obviamente recusou, dizendo que não deveria ter piedade de quem não teve piedade de milhares de outras pessoas. Suas cinzas foram espalhadas pelo Mediterrâneo, com a dramática desculpa de que não deveria ficar sobre a terra mais que sua lembrança.

A reportagem conta com duas fotos, ambas sem legenda, o que instiga a imaginação do leitor. A primeira foto, de maior destaque na folha, mostra Eichmann com uma espécie de poncho sobre si, com um chapéu simples e com botas, aparentemente em um lugar bem rústico. Várias podem ser as interpretações dessa foto. Talvez a reportagem apresentou essa foto com o intuito de dar um contraste do homem da foto com o homem da reportagem. Como um simples camponês retratado na fotografia poderia de ter assassinado milhões de pessoas? A fotografia induz a essa reflexão e faz o leitor ficar com raiva do disfarce de bom moço que Eichmann criou, e do sangue frio com que interpretou esse papel.

A outra fotografia é difícil de decifrar. Trata-se de três homens dando um anúncio, aparentemente importante, pode ser que seja sobre a morte de Eichmann. Ambos em tom sério, o do meio seria o superior, enquanto dos lados laterais seriam dois simples oficiais.

Numa retrospectiva de acontecimentos, Raquel Queiroz faz uma citação a Eichmann, quando fala de seu enforcamento, que segundo ela, “enforcaram Eichmann em Israel, e enforcaram muito bem” (O CRUZEIRO, 19 jan. 1963, n. 0015, p. 114). Mesmo sendo contra a pena de morte, a autora afirma que não tinha o que fazer em um caso desses.

Na coluna de Drew Pearson apresenta-se o texto “Outro criminoso de guerra” (O CRUZEIRO, 22 jul. 1961, n. 0041, p. 34), mesmo sendo curta e discreta, trás um conteúdo interessantíssimo não abordado nas outras reportagens. Fala do



famoso médico nazista responsável pelas experiências dentro dos campos de concentração, Joseph Mengele.

Ela contém apenas três parágrafos e cita Eichmann apenas duas vezes, o que deixa claro que, citar Eichmann em algum texto de tema nazista dá um aspecto mais interessante e instiga as pessoas a lerem, já que seu nome foi muito falado e de um jeito até um pouco exagerado, muito comentado. Depois de dar várias informações, sua imagem no texto precisa ser degrada para que traga mais impacto à notícia, para isso usam expressões como: “ataviado médico que se pavoneava em Auschwitz indiferente ao sofrimento humano” (O CRUZEIRO, 22 jul. 1961, n. 0041, p. 34).

Depois de feito isso, Eichmann entra em cena, mas discretamente, com poucas palavras já deu a entender que Eichmann foi o pior nazista que já existiu, e que ninguém poderia superá-lo, isso fica claro na expressão: “Depois de Adolf Eichmann, o Dr. Mengele foi o nazista que mais desfrutou do sofrimento do povo judeu”(O CRUZEIRO, 22 jul. 1961, n. 0041, p. 34).

O pequeno texto não trás imagens nem nada da vida pessoal de nenhum dos citados, só da à informação rápida da captura de Mengele e usa Eichmann, como exemplo de crueldade, para aparentemente, chamar à atenção do leitor e dar um aspecto mais cruel à notícia, para fazer que poucas linhas se tornem tão chocante como se tornaria um texto maior sobre o assunto.

Na mesma edição há outra reportagem, de Ronaldo Moraes – dedicou-se a investigar o caso e escreveu em detalhes para a revista –, “No rastro de Menguele, o carrasco nazista” (O CRUZEIRO, 22 jul. 1961, n. 0041, p. 124-129). O assunto é o médico Mengele, que estava escondido na Argentina, mas não foi encontrado. A revista ilustra a reportagem com várias fotografias e descreve em detalhes a caçada a Menguele. Apresenta várias possibilidades de seu paradeiro. E cita e compara seu caso ao caso de Adolf Eichmann.

Essa comparação entre nazista foragidos e escondidos na América do Sul se repete em outras situações e a revista “O Cruzeiro” explora isso até o início da década de 1970.

Na reportagem “Bormann está sepultado num cemitério paraguaio” (O CRUZEIRO, 06 jul. 1963, n. 0039, p. 32) relata que o nazista Martin Bormann foi



transportado para uma cidade do Paraguai, morto e sem identidade. Envolve o médico das experiências nazistas, Mengele na história, pois o mesmo havia passado tempos antes no mesmo lugar que ele.

Eichmann é citado quando o texto trás que os israelitas gostariam de repetir o caso de Eichmann com o médico Mengele. A reportagem apresenta com apenas uma imagem, de uma placa escrita “Ita”, nome da cidade que levara Bormann, estava na legenda: “A CIDADEZINHA de Ita foi o ponto final das andas do foragido Martin Bormann. O câncer matou o carrasco nazista nessa vila paraguaia” (O CRUZEIRO, 06 jul. 1963, n. 0039, p. 32).

O texto termina com as tocantes palavras sobre Mengele: “Em alguma parte, neste velho mundo que gira incessantemente, vive um criminoso de guerra, solitário, frente a frente com sua consciência” (O CRUZEIRO, 06 jul. 1963, n. 0039, p. 32).

A revista também realiza uma hierarquia de quem é mais culpado pelos crimes nazistas – uma espécie de índice de maldade, de monstruosidade. O leitor não precisa de muito esforço para adivinhar quem estaria no topo: em primeiro lugar Eichmann, segundo, Stangl e terceiro, Mengele. A reportagem do dia 18 de março de 1963 trata da prisão e extradição de Stangl, que vivia no Brasil, no Brooklin paulista, que era um bairro de classe média. Vivia com sua família, possuía pouca vida social, foi preso no Brasil e deportado para a Alemanha para seu julgamento (O CRUZEIRO, 18 mar. 1963, n. 0025, p. 102). Em 1970, novamente é realizado uma comparação do caso Eichmann com Stangl. A reportagem nomeada de “Stangl, a hora da justiça” (O CRUZEIRO, 26 maio. 1970, n. 0022, p. 20-23). descreve o julgamento de Stangl, fazendo uma comparação com Eichmann e como eram criminosos nazistas.

Em 1970, a revista apresenta o texto “Caçador de nazista afirma: Martin Borman vive no Brasil” (O CRUZEIRO, 15 set. 1970, n. 0038, p. 47-49). Em 1971, nova reportagem sobre Borman: “Um nazista em Ibiruba, RS, o fantasma de Borman” (O CRUZEIRO, 29 set. 1971, n. 0039, p. 47-40). Estas são as últimas vezes em que Eichmann aparece na revista – compara-se o caso Eichmann com o de Borman.



Aparentemente na década de 1960 a caça aos nazistas na América do Sul era um tema recorrente na revista “O Cruzeiro”. No texto “Ronaldo Moraes na rota dos nazistas” (O CRUZEIRO, 20 jul. 1963, n. 0041, p. 31) apresenta-se um pouco sobre Ronaldo Moraes e sua carreira, resumida em apenas algumas linhas. O nome de Eichmann é citado assim como o do médico Mengele, ambos pelo mesmo motivo, já foram alvo da sua caçada. Nesta edição, Moraes escreveu, sobre o suposto filho de Eichmann, Arthur. Esses e outros escritos foram fazendo a fama do autor naquele contexto. Parece que muitos queriam ler e saber sobre esses dois carrascos nazistas.

Antes, em 1961, a revista “O Cruzeiro” havia apresentado uma reportagem que conta a história de Manoel Arthur da Silva, que se dizia filho de Eichmann. Intitulado “Sou filho de Eichmann” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 104-111) traz uma história rica em imagens e conteúdo. Não se sabia ao certo se Arthur era mesmo filho de Eichmann com uma condessa austríaca ou se estava sendo usado por terceiros para pegar a suposta fortuna que Eichmann tinha em segredo, segundo a reportagem. Mas o uso do sensacionalismo é explícito. Cabe lembrar que a reportagem de várias páginas foi publicada pela revista durante o julgamento de Eichmann.

A capa da reportagem apresenta uma foto do menino, parece ter um olhar inocente e está de cabeça baixa, um filho “abandonado” pelo carrasco. A foto tem a legenda: “O MISTERIOSO personagem Manoel Arthur da Silva, quando era fotografado em Campo Mourão, aonde acompanhou o repórter para a localização do nazista Mengele” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 104).

A foto seguinte que pega uma página inteira mostra Eichmann fumando, com a legenda: “EICHMANN, genocida, responsável pela morte de 6 milhões de judeus, seria o homem-chave da fortuna que foi roubada durante a última Grande Guerra” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 105). É importante notar que a legenda o trás não como carrasco, mas como genocida, pra deixar pior, já que falar carrasco estava muito cômodo nas legendas. Mais um detalhe precisa ser lembrado, nesse período ainda acontece em Israel o julgamento de Eichmann.

A reportagem continua contando a história do suposto filho por meio de depoimentos dele mesmo. Alguns depoimentos depois, mais uma foto de Eichmann



para deixar claro o quanto ele é um carrasco, que até um filho perdido ele tinha. A legenda da foto é: “EICHMANN, em uma foto recente, quando, no banco dos réus, respondia a mais um interrogatório dos juízes israelitas que estão julgando os seus crimes” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 107)

Acima da fotografia de Eichmann, uma do suposto filho com a legenda: “MANOEL Arthur da Silva declara ser filho natural de Karl Adolf Eichmann, que como se sabe, está respondendo, em Israel, ao maior processo da história” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 107). A fotografia é do filho, mas o texto da legenda reforça que Eichmann está sendo julgado em Israel no “maior processo da história”.

Como já dito anteriormente, essa reportagem, particularmente, apresenta muitas fotografias para provar o que está sendo afirmado no texto. Novamente uma folha inteira é reservada para elas. Agora, trás fotos de pessoas que conheceram Arthur e tiveram alguma importância em sua trajetória até aqui.

A primeira foto trás um homem de olhar humilde, bem mais velho que Arthur, com a legenda: “PEDRO Justino, de S. José do Egito, afirmou que ‘Arthur’ morou no Largo da Matriz com uns estrangeiros”. A segunda foto é de um bispo que parece ter meia idade com o olhar serio, com a legenda: “‘ARTHUR’ tem carta de recomendação assinada pelo bispo de Cajazeiras. Este, entretanto, nega conhecê-lo”. A terceira foto mostra dois homens, um deles médico, ambos parecem se divertir discretamente na conversa, com a legenda: “O DOUTOR ARLINDO LOPES, médico-chefe do Posto de Saúde de São José do Egito, reconheceu ‘Arthur’”. Na quarta e última foto desta página, aparece Arthur vestido de padre, com a legenda: “NA OCASIÃO de sua saída para a Argentina, ‘Arthur’ disfarçou-se vestido de padre. Dizia-se perseguido” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 108).

Segue a história da vida do suposto filho de Eichmann e aparece a imagem de Arthur em uma casa modesta, onde atrás aparece uma igreja, com a legenda: “NA JANELA da casa do Largo da Matriz, disse ‘Manoel Arthur’: ‘Nesta casa’ recebi a visita de meu pai, Karl Adolf Eichmann, em fins do ano de 1949” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 109).

Pra finalizar a reportagem, aparecem mais três fotografias. A primeira mostra dois homens velhos escrevendo e lendo uma carta, respectivamente, com a



legenda: “JOSE Olímpio Maia de Vasconcelos Neto, oficial do registro Civil de Catolé da Rocha, Paraíba, reviu a pedido do repórter os registros de 1935 e encontrou o de ‘Manoel Arthur da Silva’, filho ilegítimo de Manoel Vieira Neto’ e ‘Honorina Maria da Conceição’. Na pequena cidade, porém, não se ouviu falar neles ou em seus parentes. Nem o Sr. Manoel Batista de Souza, que há sessenta e oito anos reside ali”. Na próxima, um documento de Arthur, com a legenda: “ESTE é o título de eleitor que ‘Arthur disse ter tirado utilizando uma falsa certidão de nascimento. Seus outros documentos diferem deste” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 110).

Como final, uma grande foto, como um papel de parede (“Ele matou 6 milhões de pessoas EICHMANN ASSASSINO (...)”), na foto Arthur está apontando para ela. Não é possível terminar de ler, mas pode-se sugerir ser um capaz do julgamento de Eichmann, há uma data “a partir de 2^a feira” e há censura de idade “proibido até 18 anos”. A legenda da fotografia é: “POR QUE ELE DECLAROU PUBLICAMENTE SER FILHO DE EICHMANN? SE ESTE JOVEM NÃO ESTA DIZENDO A VERDADE, DEVE TER SIDO BEM TREINADO PARA REPRESENTAR A FARSA, POIS O CARRASCO PODE SER A CHAVE DE UMA FORTUNA” (O CRUZEIRO, 05 ago. 1961, n. 0043, p. 110-111).

No ano seguinte à execução de Adolf Eichmann, a revista “O Cruzeiro” apresentou uma pequena reportagem “O silêncio é de ouro para quem é Eichmann” – no sumário o título era “O silêncio de ouro da viúva Eichmann” (O CRUZEIRO, 29 jun. 1963, n. 0038, p. 124). A reportagem de apenas quatro parágrafos e duas imagens, mostra a chegada de uma senhora (que a revista faz questão de repetir várias vezes) gorda ao Rio de Janeiro. Quando abordada pela imprensa, essa senhora se recusou a falar. Tratava-se da viúva de Eichmann, que só queria refazer a vida em Buenos Aires com sua família.

A primeira foto diz respeito à viúva dando entrevistas a outra mulher, e na segunda, ela está junto de seu filho pequeno, e aparentemente está conversando amorosamente com o menino, diz a legenda: “AINDA na Alemanha, a viúva Eichmann (foto ao alto) fala de seus planos. Na segunda foto, aparece com seu filho Haasi”.



Durante a pesquisa documental foi possível observar que o caso Adolf Eichmann foi explorado pela mídia brasileira. No caso, a proposta da presente pesquisa era ver a repercussão do caso na revista “O Cruzeiro”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1963, Hannah Arendt lançou o polêmico livro “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”. Naquela ocasião a renomada pensadora contemporânea sofreu duras críticas pelas polêmicas que levantou em sua obra. Arendt acompanhou, em Jerusalém, o julgamento de Adolf Eichmann, burocrata nazista responsável pela questão judaica.

Arendt, termina sua obra com um conceito e um convite à reflexão: “foi como se naqueles últimos minutos estivesse resumindo a lição que este longo curso de maldade humana nos ensinou – a lição da temível banalidade do mal, que desafia as palavras e os pensamentos” (ARENDT, 1999, p. 274).

Entre as inúmeras polêmicas lançadas pela filósofa, pode-se destacar a caracterização de um circo montado pelo Estado de Israel – com interesses políticos – o “julgamento-espetáculo”. Arendt chama a atenção para as encenações do promotor e a ampla cobertura da imprensa. O promotor e a imprensa constrõem e difundem um discurso de que Eichmann era um monstro, sádico, louco. Arendt não vê nele essa figura demoníaca, mas de um burocrata cumpridor de ordens que não tinha capacidade de pensar sobre suas ações ou ordens recebidas. Daí a expressão “banalidade do mal”. O grande problema para Arendt é exatamente a normalidade. Eichmann, como tantos outros, era um pai de família normal, que não refletia sobre as suas ações e as consequências das ordens que cumpria. O espetáculo para ela também estava diretamente ligado à presença de Eichmann numa gaiola de vidro.

A pesquisa na revista “O Cruzeiro” revelou exatamente essa dimensão do “julgamento-espetáculo” sugerido por Arendt. A revista apresentou inúmeras reportagens utilizando-se do sensacionalismo e explorando o julgamento. As reportagens mais longas – relacionadas à prisão, julgamento e execução – faziam questão de destacar que apresentavam a “verdade” sobre o caso. Para “provar” a veracidade as informações ou ideias – implícitas e explícitas – apresentavam



inúmeras fotografias e legendas. Em nenhum momento há imparcialidade em apresentar os fatos e acontecimentos apresentados.

A maior parte das reportagens além do texto apresentava fotografias que corroboravam na construção de um discurso que reforçava a maldade associada a Eichmann, destacando as atrocidades cometidas por ele. Foram encontradas reportagens longas e que afirmavam revelar “toda a verdade” sobre o caso e outras que apenas citavam seu nome – principalmente nos casos de outros “criminosos de guerra”. Observou-se também que o caso foi narrado pela imprensa em minuciosos detalhes, de modo sensacionalista e utilizando palavras que reforçavam a sua monstruosidade. As reportagens reforçavam o caráter de espetáculo da prisão, julgamento e execução de Eichmann.

Adolf Eichmann foi preso em 11 de maio de 1960 (oficializada sua prisão em 23 de maio), o julgamento teve início em 11 de abril e terminou em dezembro de 1961. A execução de Eichmann ocorreu no dia 31 de maio de 1962. Inicialmente lançou-se como hipótese que as reportagens sobre a cobertura do caso ficariam restritas a esse período, ou seja, entre maio de 1960 a maio de 1962. No entanto, a pesquisa documental revelou que o caso Eichmann marcou toda a década de 1960, avançando para os primeiros anos de 1970.

Muitas reportagens trataram diretamente do caso, mas outras tantas apenas citavam seu nome. Todas as reportagens que citavam o nome de Eichmann era para destacar sua monstruosidade ou ele era usado como parâmetro para medir a maldade ou a monstruosidade de alguém, de algo ou de algum acontecimento.

Com exceção de um texto que faz uma crônica sobre a morte e sobre a legitimidade da pena de morte – na ocasião da execução de Eichmann –, todas as outras reportagem apresentam Eichmann como o responsável pelo sofrimento e quase que único responsável pelo extermínio dos judeus. Em todas as reportagens destaca-se a sua dissimulação, a sua maldade, a sua monstruosidade, a sua figura demoníaca – Eichmann para a revista é a personificação do mal. As fotografias, as legendas, as informações são articuladas e encadeadas de maneira a construir esse discurso.



REFERÊNCIAS

- ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BELÉM, Euler de França. Hannah Arendt: a filósofa judia que provocou a ira dos judeus ao apresentar o nazista Eichmann como “banal”. In: **Jornal Opção**. Edição 1994, 22 a 28 set. 2013. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/hannah-arendt-a-filosofa-judia-que-provocou-a-ira-dos-judeus-ao-apresentar-o-nazista-eichmann-como-banal>>
- BREPOHL, Marion (org.). **Eichmann em Jerusalém**: 50 anos depois. Curitiba: Editora UFPR, 2013.
- EL CLARIN. **Intrigas que conmovieron al mundo**: el secuestro de Adlf Eichmann (n. 8). Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2014.
- GÉRARD, Valérie; TASSIN, Etienne. Acción. In: PORCEL, Beatriz; MARTÍN, Lucas (org.). **Vocabulario Arendt**. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2016. p.11-27.
- MEINERZ, Marcos Eduardo. Operação Odessa: a fuga dos criminosos de guerra nazistas para a América Latina após a Segunda Guerra Mundial e os caçadores de Nazistas. In: **Mediações – Dossiê**: pensamento de direita e chauvinismo na América Latina, Londrina, v. 19, n. 1, p. 41-60, jan.-jun. 2014.
- MIRANDA, Fernando Silveira Melo Plentz. O sentido da maldade na obra “Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal” de Hannah Arendt. In: **Revista Virtual Direito Brasil**, v. 6, n. 2, p. 01-22, 2012. Disponível em: <<http://www.direitobrasil.adv.br/arquivospdf/revista/revistav62/artigos/fe1.pdf>>
- OLIVEIRA, Luciano. **10 lições sobre Hannah Arendt**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. O Julgamento de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém: O Cinema como Fonte, Prova Documental e Estratégia Pedagógica. In: **I Jornada Interdisciplinar de Porto Alegre sobre o Ensino do Holocausto**, 2010, Porto Alegre. Holocausto - Crime contra a Humanidade - I Jornada Interdisciplinar de Porto Alegre sobre o Ensino do Holocausto. Porto Alegre: B'nai B'rith Brasil / B'nai B'rith Rio Grande do Sul, 2010. p. 20-45.
- UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEU. **Enciclopédia do Holocausto**. <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005189>>. Acesso em: 01 jul. 2017.